

FILIAÇÃO, RELAÇÃO E ENCONTRO*

**4^o Simpósio Anual da
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
1994**

* Trabalho apresentado no 4^o Simpósio Anual da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – 1994.

PEDRO PAULO VELLOZO ALONSO AZEVEDO

FILIAÇÃO, RELAÇÃO E ENCONTRO

*Há uma história no Talmud sobre um rei que tinha um filho,
Que se separou do pai. Ao filho foi dito: “retorne ao seu pai”.
O filho disse: “não posso”. E seu pai mandou um mensageiro
Para dizer: “venha para mais perto que puder que eu irei até
Você o resto do caminho”.*

Atendendo ao comunicado do Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, envio essa simples contribuição sobre a questão da “filiação”, tema do IV Simpósio Anual da SBPRJ.

Como ouvinte dos trabalhos apresentados na noite de Sexta-feira nove, pude perceber que o principal interesse girava em torno do sentido de vinculação, ou melhor, de ligação, ou melhor ainda, de relação, que repousa no âmago do sentimento de filiação. O demais seria parte da perfumaria científica que tanto nos atrai. A busca, portanto, nada mais representa que o desejo de se relacionar adequadamente¹ com pais e filhos, não importando se há ou não consangüinidade, pois como afirmou Lacan, “*a família humana é uma instituição*”, sendo portanto a cultura que especifica a família humana². E a verdade é que se há aqueles bem sucedidos nessa missão de relação, há outros que não são tão afortunados.

É importante ressaltar aqui que todo relacionamento envolve uma situação de poder, e a relação de pais e filhos não é uma exceção. O teólogo Leonardo Boff³ dividiu certa feita numa palestra, por meio de uma alegoria, três tipos de poder que chamou de Poder do céu, do purgatório e do inferno. Para Boff o *Poder do Inferno* é o tão conhecido poder tirânico, despótico, do exercício da crueldade. Do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Do “cala boca”, do “fecha o bico ou te arrebento”. É o poder do porrete, da tortura, que se exerce à bastonadas. O *Poder do Purgatório* seria o poder paternalista. Que até faz benfeitorias e pode ser generoso, mas que não aceita que o outro tenha poder. Doa ao outro aquilo que é dele de direito. É o “tudo que desejas só pode vir por meu intermédio” ou “o saber que buscas emana de mim”. O poder do purgatório é muitas vezes ocupado por perfis bondosos, mas é também o espaço dos grandes vaidosos. Os que gostam de se locupletar “até as orelhas” de prestígio. Por fim o ex-frei Leonardo (desfiliado da santa Madre Igreja pelo Santo Padre o Papa e colaboradores, por acreditar e defender uma teologia da libertação) fala do *Poder do céu*. Esse é o poder

¹ Adequação aqui referida ao desejo e não a qualquer juízo moral.

² Tema que desenvolvi melhor num trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicoterapia de Grupo em Caxambú, 1986. Trabalho onde faço uma paráfrase do trabalho de Lacan sobre os complexos familiares e o qual denominei “A FAMÍLIA COMO INSTITUIÇÃO”.

³ Teólogo renomado que pertenceu a ordem dos Franciscanos antes de sua saída da Igreja. Autor da Teologia da libertação que defendia princípios cristãos que acabaram por incomodar o Vaticano.

compartilhado. É o poder que admite e reconhece o poder do outro. É o “meu direito acaba onde começa o do outro”.

Não se pode negar que nos primórdios da relação de pais e filhos o poder dos primeiros é bem maior. A começar pela própria imaturidade biológica dos segundos. Podemos acreditar também que até essa situação de poder se inverter, se for o caso, muita água tem que rolar. A história deixa antever isso quando muitos filhos juntaram-se para enfrentar um único pai. Isso se tiverem a capacidade de se unir o que não é tarefa fácil. O dito popular de que “o povo unido jamais será vencido” daria a idéia de “os filhos da pátria unidos jamais serão vencidos”, evidentemente por um estado patriarcal que quer vencer, ou seja, que está em luta contra eles. É a voz do povo. E como a voz do povo é a voz de Deus, fica difícil por em dúvida o valor desse tão conhecido “grito de guerra”. Guerra magistralmente encenada pelos carapintadas pelo impeachment (censura) de um pai transgressor (no mal sentido) que desrespeitou seus filhos e desonrou a mãe casa-nação.

Tenho a impressão que Freud em seu estudo do totemismo, deixou a idéia de que impulsos filicidas, provocam muitas vezes, reativamente, impulsos parricidas, que acabam por gerar incontáveis fratricídios. Muitos são os exemplos. Me ocorre o assassinato de Júlio César pelo “filho” Brutus e outros. O de Ivan “O Terrível” que matou seu filho. Stálin que desejou ardentemente o auto-extermínio de seu filho expresso na sua terrível expressão logo após a tentativa de suicídio frustra: ‘nem para se matar você tem competência’. Junto com outro tirano famoso, Hitler, dizimaram milhares de vidas, sobretudo jovens. Robespierre que degola o irmão de revolução Danton, e depois experimenta o mesmo fim pelas mãos de outros irmãos. Pais degolam filhos, que degolam pais e que se degolam.

Podemos supor, então, relações de pais e filhos dentro da “classificação” de Leonardo Boff. Relações que podem traspassar pelos ares do inferno, do purgatório ou do céu.

O Dr. Waldemar Zusman tem razão quando nas palavras últimas de seu trabalho chama atenção para os “comportamentos que nascem da quebra do compromisso de honrar pai e mãe” e, que, acabam por ameaçar um dos “parâmetros essenciais do conceito de filiação”. Tem razão também quando assinala que sobre os conflitos geracionais repousam modificações institucionais e sociais. Quando atento as dificuldades de se controlar as intensidades dos embates, deixa-nos um alerta dos mais importantes ao mostrar-se sabedor que os limites estariam excedidos quando a preservação da filiação cede lugar às transgressões que implicam em desonrar pai e mãe. É conhecido como ataques desmedidos, a traição e a arrogância têm jogado no ocaso pais desonrados.

Desejo, no entanto, olhar a questão pelo outro veio possível. Que os comportamentos que nascem do preservar o compromisso de honrar pai e mãe são também parâmetros essenciais do conceito de filiação. Saliento aqui que nem sempre as gerações se defrontam, mas também se encontram. E esses encontros são também agentes das modificações institucionais e sociais. Agentes, sobretudo, do progresso. O exemplo mais oportuno é o do próprio movimento psicanalítico que hoje singra mares nunca d’antes navegados, onde os intermináveis defrontamentos e encontros, tecem o laborioso bordado do manto da pesquisa psicanalítica. É o passar além, o atravessar as barreiras do desconhecimento. É curioso lembrar, nesse momento, que *passar além de*, *atravessar*, são os principais significados de *transgredir* – do lat. *Transgredire, por transgredi*. Só em sua secundária acepção é que transgredir é desobedecer a, deixar de cumprir, infringir, violar. Nem sempre, portanto, transgredir é desonrar, mas ao contrário, pode ser o passar além, o atravessar dos ramos, que nesse bailado honram a fundante raiz pai-mãe.

Penso que tenho alguma razão em alimentar esses pensamentos, quando encontro um verdadeiro momento de encontro entre gerações. Encontro de sentimentos do trabalho dos autores, filhos, candidatos, os Drs. Jaime Daisson, Julia Elizabeth de Almeida Levy, Regina Guedes Guimarães e Simone Wenkert; com as palavras do pai, didata, Presidente da FEPAL (Federação Psicanalítica da América Latina). Diz o Dr. Saúl Peña:

“a mi entender, la participación en el sentir de outro ser humano es la mejor manera de aprender, profundizar, recordar y sentir muchas cosas más que permite la experiencia analítica (...) la experiencia psicoanalítica se traduce en una forma diferente de verse a sí mismo y a los otros. Resulta indispensable transmitir a los candidatos la necesidad de expresar lo que realmente sienten y piensan con toda integridad y coraje, porque de otra manera estarían convirtiéndose lamentable y penosamente en sometidos, asumiendo una identidad antianalítica que desvirtúa la esencia de lo que es el psicoanálisis (...). Por nuestra parte, según como la autoridad se exprese oscilando entre un peligroso autoritarismo o dogmatismo y una confusión acentuada, ésta irá estructurando las líneas de poder e ideologías pedagógicas. Podrá abrirse así una Sociedad consistente y creativa abierta al diálogo y a la Crítica permitiendo la convivencia de diferentes posturas teóricas, sin sentirse Amenazadas, o en su defecto devendrá en una Sociedad autoritaria, cuyo Destino final sería escindirse. El autoritarismo inhibe la libertad necesaria para Pensar y discrepar creativamente. Deviniendo en una Sociedad que impartiría Rígidamente una teoría y consideraría al pensador crítico y creativo como Revolucionario y amenazante en su estabilidad y poder (...). Qué difícil es Aceptar – aún siendo analistas – al outro como es, en su verdadera y legítima Realidad e identidad, seguir aprendiendo, descubriendo y creando con la Esperanza del predominio del instinto de vida sobre el instinto de muerte”⁴

Nessas inspiradas palavras do Dr. Saúl Peña que falam da liberdade necessária para pensar, discordar, criar, lembram porque uma teologia da libertação foi desfilada e porque seu mentor considerado revolucionário e ameaçante. Suas palavras também enaltecem o sentido positivo da transgressão, quando fala em seguir aprendendo, descobrindo e criando. Com o passar além de alimentar a esperança do domínio da pulsão de vida sobre a pulsão de morte. É importante registrar como mais um símbolo desse encontro de gerações, que as palavras do Presidente/pai foram dirigidas aos candidatos/filhos quando da publicação da revista da OCAL – Organização dos Candidatos da América Latina.

Há pais que se sentem ameaçados e desautorizados quando os filhos conquistam a liberdade de sua própria autoridade. A autoridade conquistada do filho, entretanto, não elimina a autoridade do pai, só que essa última, não é mais a do filho. Quando assumimos o sentimento da paternidade plena estamos aceitando ao mesmo tempo a morte dessa rel-ativa autoridade. Quando percebemos o filho autorizado temos a sensação de que a missão está cumprida e de que podemos morrer em paz. Mas não morremos porque somos mantidos vivos e revividos até a imortalidade pelos nossos filhos. *Em nome do pai!*

Quem teria escrito o segundo mandamento das tábuas da lei? O Honrarás pai e mãe? Teria sido o pai? O filho? Uns e outros dependendo do momento do desenvolvimento, quando pensamos o pai que foi filho e o filho que se faz pai? Não sei responder, mas preferia, como pai, que esse “mandamento” idealmente sem mando fosse escrito por meus filhos e não por mim. Pois honra não se sugere ou se

⁴ Peña, Saúl. Palabras del Presidente de Fepal, outubro de 1994, Revista de Ocal, año IV – n.2

impõe, se conquista na relação. Comungo, por conseguinte, com Celmy Correa e Liana Bastos, que “*a saída, se há uma saída possível, é a aliança*”, que é como disse as autoras um “*compromisso entre iguais*”.

Espaço da Solidariedade. Há saída (encontro, compromisso igual de honra – o honrarás filhos⁵), mas também não há saída quando a morada compartilhada é desonrada, e a **tessera hospitalis** olvidada. Afinal, “*pela philia qualquer lugar pode ser o lugar do encontro*”.

Acredito, sinceramente, que as palavras do Talmud traduzem com a maior perfeição, o autêntico sentimento de paternidade e filiação: “**VENHA PARA MAIS PERTO QUE PUDER QUE EU IREI ATÉ VOCÊ O RESTO DO CAMINHO**”.

⁵ DEVERES PATERNAIS E FILIAIS

“Filhos, obedeci a vossos pais no Senhor: porque isto é justo. 2 Honra a teu pai e tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa. 3 Para que te vá bem e sejas de larga vida sôbre a terra. 4. **E vós outros, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos: mas criai-os em disciplina, e correção do Senhor**”. Epístola de S.Paulo aos Efésios – Novo Testamento – Bíblia Sagrada.